

TATUAGEM DE AMOR

Nilva Ferraro realizou o lançamento de seu livro – *Tatuagem de amor – poemas*, em fins de julho deste ano. O livro editado pela AGE EDITORA é dedicado de mãe para filho e de filho para mãe. Vale a pena apreciar o Sumário:

Tatuagem de amor; Fórmula mágica; Amor incondicional; A fé como âncora; Pobre coração; Basta acreditar; Fica atento; Carta aos jovens; Parece que foi ontem; Carta a uma jovem modelo; Perfume; Conselhos; Ponderações; Clamor; Telefonema; Surfista; Constatação; Espera; Cadeira do céu; Amor sublimado; Aurora que virá; Chora, coração; Valores em crise; Vestibular; Ficar a sós; Experiência; O inferno; Operação salvação; Queda de braço; Urgência de ser feliz; Despedida; Benesses de amor; Acorda, criança; Ventos favoráveis; Maioridade; Coração acoplado; Dois milênios; Tempo dividido; Carta aos jovens II; Pálio; Girassóis no teu caminho; Os filhos são nossas sementes; Coração de mãe; Todas as mães; Se és capaz; Mãe nas quatro operações; Mãe e primavera; Espinho cravado; A sorte de ser mãe; Criatura de muita fé; Amor de mãe; Recriando a vida; Canto à mãe que partiu; Essas mãos; Lugar no paraíso; Mãe em potencial; Amor maior; Botão de rosa; Camélias brancas; Copos-de-leite; Bromélia; Minha tulipa, Quinze beijos; Tapete vermelho; Gloxínias no pote; Girassol; Corbelha de orquideas cor de rosa.

Concluo este escrito com o último parágrafo do Prefácio de José Louzeiro:

"O fenômeno amor, que se confunde com a humildade, é tão intenso na poética de Nilva que, estou certo, na hora da despedida final ela engalantar a sua caminhada com camélias brancas, copos-de-leite, botões de rosa, bromélias, tulipas, girassóis e orquideas. No meio desse jardim a pintora pintará uma cadeira de ervas perfumadas, onde a poeta se sentará, a fim de aguardar o chamado de Deus."

A fonologia na gramática do português falado

Maria Bernadete Marques Abaurre*

1 O Projeto da Gramática do Português Falado

O Projeto da Gramática do Português Falado (PGPF), coordenado pelo Prof. Dr. Ataliba de Castilho (USP), iniciou as atividades previstas em sua agenda em 1988 e concluiu, em 1998, o conjunto das pesquisas programadas para serem desenvolvidas no âmbito dos seus cinco Grupos de Trabalho: *Fonética e Fonologia* (coordenado inicialmente por João Antônio de Moraes, e posteriormente por Maria Bernadete M. Abaurre); *Morfologia Flexional* (Angela C. S. Rodrigues); *Morfologia Derivacional* (Margarida Basílio); *Sintaxe das Classes de Palavras* [de orientação funcionalista] (Rodolfo Ilari e, posteriormente, Maria Helena de M. Neves); *Sintaxe das Relações Gramaticais* [de orientação gerativista] (Fernando Tarallo e, posteriormente, Mary Kato); Organização Textual-Interativa (Ingedore G. V. Koch).

Desenvolvido por uma equipe de cerca de trinta e dois pesquisadores de doze universidades brasileiras, o PGPF definiu como seu objetivo maior a condução de pesquisas sobre a oralidade no português do Brasil (PB), com base em material previamente coletado para o projeto NURC/Norma Urbana Culta em cinco capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife). Tais pesquisas foram realizadas com vistas à preparação de uma gramática referencial do português culto falado no Brasil na qual serão apresentados e descritos fenômenos característicos dos níveis fonológico, morfológico, sintático e textual.

Os pontos de convergência das pesquisas desenvolvidas nos cinco GT's foram definidos como segue, pelo conjunto dos pesquisadores:

* Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp.

1. Uma concepção de linguagem como uma atividade, uma forma de ação – a verbal – que não pode ser estudada sem se considerar suas principais condições de efetivação.

Assume-se, portanto, uma concepção sócio-histórica de linguagem, que é vista como lugar de interação humana, de interlocução. Tal concepção é explicitada em Franchi (1987):¹

A linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências. Nela se produz, do modo mais admirável, o processo dialético entre o que resulta da interação e o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas lingüísticos, as línguas naturais de que nos servimos. (...) É na interação social, condição de desenvolvimento da linguagem, que o sujeito se apropria [do] sistema lingüístico, no sentido de que constrói, com os outros, os objetos lingüísticos de que se vai utilizar, na medida em que se constitui a si próprio como locutor e aos outros como interlocutores (p. 12).

2. A pressuposição de que na produção e recepção de textos temos a manifestação de uma competência comunicativa, caracterizável a partir de regularidades que evidenciam um sistema de desempenho lingüístico constituído de vários subsistemas.
3. A pressuposição de que cada um desses subsistemas constituintes do sistema de desempenho lingüístico (o discursivo, o semântico, o morfossintático, o fonológico...) é caracterizável em termos de 'regularidades' definíveis em função de sua respectiva natureza.
4. A pressuposição de que um dos subsistemas constituintes desse sistema de desempenho lingüístico é o subsistema computacional [entendido como uma noção mais ampla do que a noção chomskiana de língua I], definível em termos de regras e/ou princípios envolvidos na organização morfossintática e fonológica dos enunciados que se articulam na elaboração de qualquer texto.
5. A pressuposição de que o *texto* é o lugar onde é possível identificar as pistas indicadoras das regularidades que caracterizam o referido sistema de desempenho lingüístico.

¹ Cf. M. Nascimento, "Gramática do Português Falado: articulação teórica". Texto apresentado em 1993, no Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa.

² "Criatividade e gramática". Em: *Trabalhos de Lingüística Aplicada*, 9. Campinas: IEL/Unicamp. 1987.

Os pesquisadores do PGPF realizaram, ao longo de dez anos de trabalhos, dez seminários, durante os quais foram apresentados e discutidos os projetos de pesquisa constantes da agenda de cada GT.

Os resultados dos projetos desenvolvidos foram divulgados em oito volumes (sete publicados e um no prelo) de uma série intitulada *Gramática do Português Falado*, publicada pela Editora da Unicamp. Os textos publicados nesses volumes são as versões revistas dos trabalhos apresentados e debatidos nos dez seminários realizados de 1988 a 1998.

Concluída a fase de realização das pesquisas constantes da programação dos GT's, definiu-se como agenda atual e prioritária do PGPF a re-escritura e consolidação dos vários trabalhos realizados no âmbito de cada um dos GT's, com vistas à publicação, em futuro próximo, da gramática de referência. Essa obra, que terá por título *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, estará voltada para o público universitário, representando como leitores preferenciais os professores e alunos dos cursos de graduação em Letras e pesquisadores pós-graduados. Deverá constituir-se, também, em material de consulta para os professores de português do ensino médio e para eventuais leitores interessados nos desenvolvimentos da língua portuguesa ocorridos no Brasil na segunda metade do século XX.

2 O GT de Fonética e Fonologia do PGPF

Participaram do GT de Fonética e Fonologia (GTFF), ao longo dos dez anos em que se desenvolveram as pesquisas, os seguintes pesquisadores: João Antônio de Moraes (UFRJ – primeiro coordenador do GT), Maria Bernadete Marques Abaurre (Unicamp – atual coordenadora do GT), Leda Bisol (PUCRS), Dinah Isensee Callou (UFRJ), Yonne de Freitas Leite (UFRJ), Luiz Carlos Cagliari (UNICAMP – participou do GT de 1988 a 1992) e Emilio Gozze Pagotto (UFSC).

Durante o período inicial dos trabalhos (1988 a 1992), os pesquisadores da área desenvolveram os seguintes trabalhos, alguns voltados para aspectos prosódicos do PB:

- "Ritmo e velocidade da fala na estratégia do discurso: uma proposta de trabalho" (J. A. Moraes e Y. Leite) Em: R. Ilari (org.), *Gramática do português falado. Vol. II: níveis de análise lingüística*. Campinas: Editora da Unicamp. 1992.

- "Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais" (L. C. Cagliari). Em: R. Ilari (org.), *Gramática do português falado. Vol. II: níveis de análise linguística*. Campinas: Editora da Unicamp. 1992.
- "Sândi vocálico externo" (L. Bisol). Em: R. Ilari (org.), *Gramática do português falado. Vol. II: níveis de análise linguística*. Campinas: Editora da Unicamp. 1992.
- "A fonética da gramática do português falado: estudo preliminar da fala de Porto Alegre" (L. C. Cagliari) (inédito).

Em 1992 o GTFF definiu uma agenda própria de pesquisas. Ao definir essa agenda os pesquisadores definiram, também, os objetivos e a metodologia de investigação do GT. Os projetos voltaram-se para alguns aspectos fonético-fonológicos da modalidade culta do português do Brasil, com vistas a identificar – coerentemente com os pressupostos gerais do PGPF – as regularidades encontradas nos princípios constitutivos das estruturas fonológicas (espaço dos fatos categóricos) e na sua produção e processamento (espaço dos fenômenos variáveis).

O componente fonológico de uma gramática é entendido, no GTFF, como um conjunto de princípios, parâmetros e convenções que organizam o sistema de oposições estabelecidas no plano fônico e as possibilidades de escolha das atualizações dessas oposições, facultadas aos falantes em contextos específicos (lingüísticos e extralingüísticos).

Nos trabalhos mais voltados para a discussão dos aspectos representacionais relativos às estruturas fonológicas, optou-se pela utilização do quadro teórico das fonologias não-lineares, recorrendo-se, quando pertinente, à fonologia lexical, auto-segmental e métrica.

Por se tratar da fonética e fonologia de uma gramática referencial, fundamentada em um *corpus* de cinco capitais brasileiras, optou-se pelo desenvolvimento de projetos que pudessem fornecer subsídios para a caracterização das variedades geográficas dialetais, com base em algumas hipóteses sobre processos fonológicos que singularizam cada variedade. Do ponto de vista metodológico optou-se por trabalhar os dados através da sociolingüística quantitativa de inspiração laboviana. A variação é, nessa perspectiva, entendida como uma propriedade inerente à atividade discursiva, motivada internamente por fatores lingüísticos e, externamente, por fatores como região, idade, gênero, estilo. Do ponto de vista formal, a regra variável apresenta características semelhantes às das regras categóricas, diferenciando-se destas pela possibilidade de inclusão de fatores não-lingüísticos.

Dentro dessa concepção, fenômenos variáveis são *mensurados*, permitindo caracterizar as variedades do português brasileiro por seu percentual de participação maior ou menor em um dado processo fonológico. Ressalte-se que se fez, no âmbito do GT, a opção teórico-metodológica pelo tratamento dos dados de variação segundo a sociolingüística quantitativa laboviana, dadas as perspectivas promissoras que tal metodologia oferece para uma renovação dos estudos dialetológicos sobre o português do Brasil e para uma nova visão dos processos de mudança lingüística.

Os tópicos gerais identificados para estudo no GTFF foram os seguintes:

1. Vocalismo
 - 1.1. As vogais orais
 - 1.1.1. Tônicas
 - 1.1.2. Postônicas
 - 1.1.3. Pretônicas
 - 1.2. A nasalização vocálica
2. Consonantismo
 - 2.1. As consoantes que travam sílaba /s, r, l/
 - 2.2. A palatalização de /t/ e /d/
3. Sândi vocálico
 - 3.1. Ditongação
 - 3.2. Elisão
 - 3.3. Degeminação
4. A sílaba
 - 4.1. Caracterização da sílaba
 - 4.2. Ditongação e monotongação
5. Acento, ritmo e entoação

3 Principais resultados das pesquisas desenvolvidas no GTFF

Apresentam-se, a seguir, as pesquisas desenvolvidas no GTFF mencionando-se, em cada caso, os principais resultados obtidos.

- "O sistema vocálico do português do Brasil: caracterização acústica" (J. A. Moraes, D. I. Callou, Y. Leite). Em: M. Kato (org.), *Gramática do português falado. Vol. V: convergências*. Campinas: Editora da Unicamp. 1996.

Tendo em vista que até então inexistia, para o português do Brasil, uma caracterização acústica do sistema vocálico, fundamental para o melhor entendimento de processos fonológicos, realizou-se, neste projeto, um estudo espectrográfico das vogais orais pretônicas, tônicas e postônicas.

O trabalho analisa acusticamente, através da identificação dos valores do primeiro e segundo formantes (F1 e F2, respectivamente), 3645 realizações de vogais extraídas de inquéritos do projeto NURC. O *corpus* é constituído de entrevistas informais com 15 locutores de formação universitária (3 representantes de cada área urbana) estratificados por 3 faixas etárias (25-35, 36-56 e 56 em diante). Foram analisadas 15 ocorrências de cada vogal por falante, através do programa computacional ILS (Interactive Laboratory System), totalizando 1.575 vogais tônicas, 1.395 pretônicas e 675 postônicas.

Foram objetivos da pesquisa:

1. caracterizar, acusticamente, o sistema *geral* de vogais tônicas, pretônicas e postônicas e os sistemas dos cinco dialetos: POA, SP, RJ, SSA e RE; e, tomando como referência o sistema das vogais cardeais, *comparar* o sistema vocálico tônico do PB com o do PE;
2. detectar a direção de uma possível mudança fonética em progresso, através das medições acústicas e da análise multivariacional.

Dados esses objetivos, uma vez estabelecido o espaço acústico das vogais tônicas do português culto das cinco capitais brasileiras, foi feita a comparação entre os sistemas vocálicos de PB e PE e o sistema das vogais cardeais, concluindo-se, no trabalho, que parece existir uma tendência de tornar-se mais *compacto* o sistema de PB, ou seja, de distanciar-se, pela centralização da vogal alta /i/ e pelo alçamento e anteriorização da vogal /a/, tanto de PE como das vogais cardeais.

Com relação à variação, o estudo mostrou que há dois processos que diferenciam os dialetos: o de *anteriorização* e *abaixamento* da vogal /i/ e o de *posteriorização* e *abaixamento* da vogal /a/.

- "Sândi externo: o processo e a variação" (L. Bisol). Em: M. Kato (org.), *Gramática do português falado. Vol. V: convergências*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

O trabalho apresenta resultados da análise dos três processos de sândi externo observáveis no nível pós-lexical. Os seguintes processos, que aplicam-se no interior de domínios superiores à palavra fonológica, caracterizam o português brasileiro: a *elisão* ([kamizuzáda] < /kamíza uzáda/), a *ditongação* ([komyóstras] < /kóme óstras/) e a *degeminação* ([kazazúω] < /káza azúl/).

Na primeira parte, o trabalho oferece uma caracterização desses fenômenos de sândi a partir dos pressupostos teóricos da fonologia auto-segmental e conclui que eles são o resultado, na língua, da operação de *princípios universais* como *licenciamento prosódico*, *seqüência de sonoridade* e *contorno obrigatório* combinados com outras convenções e regras.

A segunda parte apresenta os resultados da análise estatística (laboviana), destacando-se os seguintes aspectos:

1. A atonicidade das duas vogais é o contexto ideal para o sândi externo.
2. O sândi não ocorre quando a segunda vogal é acentuada, exceto quando a ressilabificação fica garantida pela presença, na seqüência VV, de uma vogal alta sem acento.
3. O sândi ocorre com mais freqüência no domínio da frase fonológica do que no domínio do enunciado.
4. O uso mais ou menos freqüente do sândi permite estabelecer diferenças dialetais (RJ e POA apresentando maior implementação dos processos de elisão, ditongação e degeminação, e SP, SSA e RE apresentando menor implementação).
5. Estilos mais controlados exibem o sândi com menos freqüência do que estilos descontraídos.

- "Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil" (D. Callou, J. A. Moraes, Y. Leite). Em: I. G. V. Koch (org.), *Gramática do português falado. Vol. VI: desenvolvimentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

O trabalho analisa, segundo a metodologia quantitativa laboviana, 4.334 ocorrências do fonema /r/ em posição de coda silábica, com o objetivo de estabelecer uma delimitação de áreas dialetais e identificar a direção de uma possível mudança em progresso.

A partir da análise dos dados, representativos de 30 inquéritos DID e D2 das cinco capitais, conclui-se pela existência de uma fronteira dialetal entre POA/SP, regiões que se caracterizam pelas realizações vibrantes do /r/, e RJ/SSA/RE, regiões onde a opção é pelas realizações fricativas. O trabalho aponta, ainda, para um

processo de posteriorização em curso, que resulta em um enfraquecimento articulatório das realizações de /r/ no contexto de investigação, a coda silábica. Essa mudança de ponto de articulação (de anterior para posterior, velar ou laríngeo, com eventual mudança para fricativa), pode chegar ao cancelamento do fonema em posição final de vocábulo e manifesta-se ora de forma gradual, ora de forma abrupta.

- "Nasalização vocálica no português do Brasil" (Maria B. M. Abaurre e E. Pagotto). Em: I. G. V. Koch (org.), *Gramática do português falado. Vol. VI: desenvolvimentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

O trabalho baseia-se em um *corpus* ampliado de 30 inquiridos, totalizando-se 300 minutos de gravação e 9.570 dados contendo as variáveis relevantes. Destes, 4.946 representam casos de nasalidade fonológica, de manifestação categórica. A variação verifica-se no contexto da nasalidade fonética, representada em 4.624 dados. Os resultados da investigação voltam-se especificamente para as ocorrências da nasalidade fonética e os resultados significativos são os seguintes:

1. Em sílabas acentuadas, a nasalização fonética ocorre quase categoricamente (houve um registro de 10 dados em que ela não se deu); tal assimilação é bloqueada somente no contexto de junção de palavra, o que caracteriza o processo como intralexical.
2. A nasalização ocorreu em 100% dos casos, quando a consoante que segue a vogal é nasal palatal.³ O ponto de articulação da nasal seguinte continua relevante mesmo quando se consideram as outras consoantes, pois parece haver uma hierarquização na assimilação de nasalidade segundo o ponto de articulação: palatais > dentais > labiais (i.e., quanto mais anterior a articulação da consoante nasal, menor a probabilidade de a nasalização fonética ocorrer na vogal que a antecede).
3. Desconsiderando a atuação categórica dos fatores mencionados em 1 e 2, observa-se uma hierarquização entre fatores de natureza morfológica e fatores de natureza fonética. O

³ A manifestação categórica da nasalidade, antes de consoante nasal palatal, pode ser tomada como evidência para a análise das consoantes nasais palatais como bimorais em português, com a primeira mora ocupando a coda da sílaba precedente e a segunda, o onset da sílaba seguinte. (cf. Wetzels, "The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese", em: *Probus* 9, 2, 1997.

contexto de junção morfológica atua como um forte inibidor do processo de assimilação. Já o contexto interno à raiz da palavra libera a atuação de outros fatores. Além disso, há aparentemente uma correlação entre as classes de palavra e o processo de nasalização, relação que merece uma investigação mais detalhada, uma vez que podem estar encobertos fenômenos morfológicos de outra natureza. Tais fatos, acrescidos do que se aponta em 1., parecem indicar uma forte vinculação do processo de nasalização às propriedades morfológicas do léxico da língua.

4. A presença de uma consoante nasal precedendo a variável condiciona fortemente a nasalização. O *onset* vazio, por sua vez, inibe a assimilação da nasalidade. Já o *onset* preenchido por consoantes não nasais não chega a inibir a nasalização. Tudo isto mostra que o processo de assimilação da nasalização se dá em duas direções e que existe uma espécie de necessidade de que o *onset* da sílaba esteja preenchido para que tal processo se dê. Mas vale lembrar que *onsets* duplamente preenchidos inibem fortemente a nasalização da vogal.
 5. A região geográfica é também determinante para a descrição do processo de nasalização. Norte e Sul se opõem quanto à nasalização: RE e SSA nasalizam mais; SP e POA nasalizam menos. O RJ está no meio do caminho.
- "A sílaba e seus constituintes" (L. Bisol). Em: M. H. M. Neves (org.), *Gramática do português falado. Vol. VII: novos estudos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

As sílabas do português brasileiro são, nesse trabalho, analisadas à luz da teoria métrica. A autora defende a idéia de que a sílaba possui uma estrutura interna de constituintes.

A análise desenvolve os seguintes passos: discutem-se, primeiramente, os princípios de composição da sílaba básica, apresentados em forma de representação arbórea. A partir desses princípios, depreende-se o padrão silábico do português. Segue-se o desenvolvimento da idéia de que o mapeamento da sílaba tem como ponto inicial a identificação dos núcleos e, por ordem, o mapeamento do *onset* e finalmente da coda. Certas operações, como apagamento do elemento não-silabado e epêntese, considerada como um processo de legitimação de consoantes extraviadas, merecem especial atenção, em virtude de a aplicação de uma ou de outra operação propiciar variações silábicas.

Admitindo-se que a silabação é um processo contínuo, disponível em qualquer etapa da derivação, a análise, fundamentada nos princípios gerais da teoria adotada, busca apresentar explicações tanto para as sílabas que se encaixam no padrão canônico como para as formas variantes.

- "Estudo sobre a nasalidade" (L. Bisol). Em: M. B. M. Abaurre e A. C. S. Rodrigues (orgs.), *Gramática do português falado. Vol. VIII: novos estudos descritivos*. Campinas: Editora da Unicamp. (no prelo)

Bisol retoma, neste estudo, a discussão de um dos aspectos mais polêmicos da fonologia do português: a nasalidade vocálica. A partir da pergunta clássica sobre se o sistema da língua portuguesa possui vogais intrinsecamente nasais ou se as chamadas vogais nasais devem ser interpretadas como seqüência de vogal oral mais consoante nasal, a autora, com base na fonologia lexical e na teoria auto-segmental, distingue dois processos de nasalidade na língua: a nasalidade por estabilidade (lexical) e a nasalidade por assimilação (pós-lexical).

Sua análise, conduzida na perspectiva da fonologia lexical, assume uma concepção de léxico composto de dois *strata*, o da raiz e o da palavra. É no nível da palavra (componente lexical) que se forma, por estabilidade, o ditongo nasal. A nasalização por assimilação, que alcança itens sem vogal temática e a vogal interna, e que não tem uma morfologia específica, opera no componente pós-lexical.

Uma das conclusões importantes desse trabalho diz respeito à principal diferença entre os dois tipos de nasalidade: o verdadeiro ditongo nasal, de formação mais subjacente e que é gerado por regras fonológicas lexicais, valendo-se do princípio de estabilidade (nasalidade local), opõe-se fonologicamente ao ditongo não nasal, enquanto a nasalidade interna e a de ditongos variáveis de final de palavra, formados por espriamento de N, em nível pós-lexical, tem na subjacência a expressão de seu valor fonológico, através da oposição VN/V.

- "Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil" (D. Callou, J. A. Moraes, Y. Leite). Em: M. B. M. Abaurre e A. C. S. Rodrigues (orgs.), *Gramática do português falado. Vol. VIII: novos estudos descritivos*. Campinas: Editora da Unicamp. (no prelo)

O trabalho retoma a questão da ocorrência de consoantes em coda silábica no PB, tendo como objetivo identificar e analisar, no *corpus* do PGPF, os processos de enfraquecimento de /s/, /r/ e /l/ nessa posição silábica. Os autores procuram, em seu trabalho, estabelecer: a) a geolinguística desse(s) processo(s) de enfraquecimento; b) seus fatores condicionantes; c) o tipo de mudança ocorrida; d) o estágio em que se encontra(m) o(s) processo(s).

As principais conclusões da investigação são as seguintes: 1) a hipótese de que a palatalização do S constitui uma mudança de cima para baixo apóia-se em evidências fracas, uma vez que a expansão da regra não é atestada historicamente. Além disso, como essa regra não acarreta nenhum tipo de fusão, torna-se impossível fazer uso do paralelo feito por Labov entre tipos de fusão e mudanças "de cima para baixo" e/ou "de baixo para cima", para esclarecer a questão. O mesmo se aplica para as mudanças do L e do R. Trata-se, nos casos apresentados, de variação no nível fonético, sem conseqüência no nível representacional; 2) gênero constitui uma variável crucial, indicando uma comunidade cindida, homens e mulheres apresentando distintos comportamentos linguísticos; 3) é possível explicar a presença de realizações das líquidas, em posição de coda, pela atuação de princípios universais. Um deles é o controvertido princípio do menor esforço, segundo o qual sons menos complexos (não marcados) tendem a substituir os mais complexos (marcados). Outro princípio relaciona-se à constituição da sílaba, que otimiza a sonoridade da estrutura demissilábica núcleo+coda (ou rima).

Os autores observam, ainda, que se a representação auto-segmental de Clements for adotada, a velarização do L constitui uma etapa necessária para o estágio seguinte de vocalização. No caso do R, a explicação do processo como um enfraquecimento resultante de uma escala de sonoridade não satisfaz. A palatalização do S, por sua vez, não se encaixa em nenhum dos princípios acima mencionados. Parece tratar-se de um caso de mudança – cujo alvo seria imitar uma pronúncia supostamente de prestígio – que se comporta de forma diversa, não estando sujeita a tendências universais.

- "Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil" (Maria B. M. Abaurre e E. Pagotto). Em: M. B. M. Abaurre e A. C. S. Rodrigues (orgs.), *Gramática do português falado. Vol. VIII: novos estudos descritivos*. Campinas: Editora da Unicamp. (no prelo)

O trabalho analisa, com base nos pressupostos da sociolinguística quantitativa laboviana, as ocorrências, nos dados representativos das cinco capitais do projeto, das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ quando seguidas de uma vogal realizada como alta anterior [i]. Foram consideradas relevantes, para o estudo, as realizações da variável como oclusiva dental surda ou sonora ou como africada palato-alveolar surda ou sonora.

De todos os grupos de fatores analisados, o que se mostrou mais consistente foi o da *região geográfica*, apontando-se, nos dados estudados, para uma polarização entre Recife e Rio de Janeiro no que diz respeito à palatalização da oclusiva: os dados do Rio de Janeiro se mostraram categóricos quanto à aplicação da regra e os do Recife ofereceram forte resistência à palatalização. Os dados de Salvador e São Paulo se mostraram mais próximos entre si do que se tomados em relação aos de Porto Alegre, que se apresentaram com o percentual mais baixo de palatalização, depois do Recife.

Os informantes, em algumas regiões, apresentaram comportamentos idiossincráticos muito diferentes entre si, especialmente em Porto Alegre, o que indica que o processo de variação, à época da coleta dos dados, apresentava aspectos sociolinguísticos que não puderam ser captados pela descrição social adotada, demonstrando, mesmo assim, uma implementação do processo de palatalização que ainda não se havia completado no âmbito de toda a sociedade local. Esse comportamento idiossincrático leva, necessariamente, a relativizar os resultados de Porto Alegre, no sentido de não se poder caracterizar, com segurança, o dialeto local como não palatalizado.

O estudo do comportamento da variável, no seu funcionamento linguístico, confirmou hipóteses já apontadas anteriormente em outros trabalhos: 1) a de que a sonoridade da variável tem influência sobre a aplicação da palatalização; 2) a de que a consoante fricativa alveolar [s], que segue a vogal /i/ átona, formando a seqüência [tis] ou [dis], ocasiona o acionamento de uma outra regra fonológica que suprime a vogal [i], inibindo a aplicação da palatalização; 3) a de que o glide [y], em que se transforma a vogal que segue à oclusiva dental em processo de ressilabificação, condiciona mais fortemente a palatalização do que as outras realizações desta vogal; d) a de que há uma tendência à co-ocorrência da oclusiva palatalizada e da palatalização da consoante fricativa /s/ que a antecede; do mesmo modo, a realização alveolar da consoante fricativa /s/ tende a co-ocorrer com a realização não palatalizada da consoante oclusiva.

Não foi possível identificar com segurança um controle de natureza lexical sobre o processo de variação estudado, havendo apenas alguns indícios de que isso possa ter ocorrido.

Além das investigações originalmente previstas na agenda, os membros do GTFF desenvolveram também os seguintes trabalhos na interface com o GT de Sintaxe das Relações Gramaticais:

- "Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia" (D. Callou, J. A. Moraes, Y. Leite, M. Kato, C. T. de Oliveira, E. Costa, M. Orsini, V. Rodrigues). Em: A. T. Castilho (org.), *Gramática do português falado. Vol. III: as abordagens*. Campinas: Editora da Unicamp. 1993.
- "Tópicos e adjuntos" (Yonne Leite, D. Callou, J. A. Moraes, M. Kato, M. Orsini, V. Rodrigues, E. Costa). Em: A. T. Castilho e M. Basílio (orgs.), *Gramática do português falado. Vol. IV: estudos descritivos*. Campinas: Editora da Unicamp. 1996.
- "Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica" (C. Galves e M. B. M. Abaurre). Em: A. T. Castilho e M. Basílio (orgs.), *Gramática do português falado. Vol. IV: estudos descritivos*. Campinas: Editora da Unicamp. 1996.

Esses trabalhos abordam essencialmente aspectos relativos à interface sintaxe/prosódia.

4 Balanço dos trabalhos do GTFF

Os pesquisadores deste GT julgam ter conseguido levar a bom termo praticamente todas as investigações que se propuseram realizar em seu programa de pesquisas. Ficaram no entanto por realizar, de forma sistemática, estudos sobre acento, ritmo e entoação nas cinco capitais.

Tendo em vista que o objetivo maior do GT era o de fornecer subsídios para a caracterização das variedades geográficas dialetais do português do Brasil, pode-se dizer que a escolha teórico-metodológica de uma abordagem sociolinguística de cunho quantitativo, como a laboviana, para servir de quadro de referências para as pesquisas do grupo, foi adequada.

Com efeito, a escolha de tal metodologia revelou-se produtiva para a caracterização da variação lingüística que envolve as variáveis consideradas nos projetos do GT, como o demonstram os resultados finais dos trabalhos apresentados pelos pesquisadores ao longo desses anos. Neste momento em que começamos a trabalhar na consolidação dos textos do GT com vistas à preparação do que virá a ser volume de fonologia da gramática de referência, gostaríamos de acreditar que os resultados das pesquisas que tivemos a oportunidade de desenvolver no PGPf constituem um avanço na busca de caracterização da estratificação regional do português do Brasil.